MVAR RAVM

O DESTINO DOS TEMPOS EM TEMPOS FRAGMENTADOS

20XX

?VIVA

?NÃO-VIVA!

Quando eu era pequeno sempre ficava na expectativa de ver o que acontece depois que o filme acaba. Quando a trama se encerra na resolução dos problemas dos personagens e o cenário se harmoniza novamente, como era de início, mas com novos aprendizados e companhias. Porém, baseamos nossa noção de tempo a partir de problemas para criarmos soluções. Quando o problema acaba, o filme acaba. Quase uma epidemia no pensamento que assombra o ocidente, criar suas narrativas a partir dessa lógica de ação. É uma lógica fascinante de fato, como uma criança aprendendo a andar, joga seu corpo para um lado e para o outro, fazendo um desequilíbrio que a motiva a agir para reequilibrar-se e assim dar um passo para seu destino.

?VIVA!

(folha em branco)

MVAR RAVM APRERESENTA

O DESTINO DOS TEMPOS EM TEMPOS FRAGMENTADOS

– eu nunca imaginei poder imaginar; e/ou… ser imaginado…

"O seu destino e do tempo" (parte 1/7)

Abre a palavra (word), quem dera ser algo tão místico ou sagrado assim nesse momento. É um aplicativo para escrita no computador que me possibilita algumas opções de abrir o que já havia escrito, ao menos aqueles que tinham sido “salvos” anteriormente. Mesmo assim prefiro abrir uma folha em branco. Agora sim, me abro.

Vamos falar do tempo? Acha que chove? Parece que não, o tempo está ficando seco. Áspero, como se o gastássemos ou como se fossemos gastos por ele. Ele quem? Para que tantas tentativas de personificação do que desconhecemos? Assimilamos tudo a partir da humanização de fenômenos e coisas.

SUMIU!RIO

“zzz…”

- “... desde a primeira pegada do homem na lua a humanidade deseja cada vez mais conhecer os limites de sua capacidade, até onde seu intelecto pode chegar? Já mestres na manipulação da matéria, muitos poderiam considerar a regeneração de tecidos e órgãos através da nanotecnologia um marco sem igual, porém hoje os mesmos podem mudar suas mentes, pois o que vou apresentar para vocês agora faz com que tudo mude. ” O que acha? Começo assim mesmo?

- Tem mesmo que falar do primeiro passo na lua? Sabe como é, a Terra Firma comprou os direitos autorais da “primeira” pegada. Além do mais depois da crise de 2022 ela perdeu muita credibilidade, os credencialistas não vão gostar.

- Dane-se os credencialistas George! Depois da fraude dos regulamentaristas os politivistas estão de olho neles. Além do mais isso está além de quaisquer “-ista”. Esse é nosso presente para humanidade, cada de nós, não importa que “-ismo” siga.

- Tudo bem, tudo bem, também não vai ser agora, um dia antes da exibição que voltaremos atrás.

No dia seguinte…

- As famílias do mundo todo reunidas em frente a tela para presenciar, de alguma maneira, esse momento tão vangloriado, mas também, questionado por parte da população. O primeiro teleporte acontecerá às 17h de hoje no Centro de Demonstrações Científicas Credenciadas, patrocinado pelos credencialistas. Mesmo com os diversos processos judiciais para que os experimentos não procedessem com corpos hidrópicos clonados, o cientista Yuan Hikiro com a ajuda do empresário e articulador político George Calásse, conseguiram a benção do estado após Calásse fechar um acordão com os credencialistas para que inclinassem seus votos da câmara ao seu favor. A oposição acusa dessa negociação ter proporções maiores do que as declaradas ao estado. Nesse momento há protestos acontecendo em frente ao CDCC, estamos aqui com um dos militantes:

- Por que estão reunidos aqui hoje?

- Os credencialistas não podem tomar uma decisão tão impactante em nossos estilos de vida sem que haja um consenso entre todos os envolvidos, ou seja todos nós. Não sabemos ao certo do que somos feitos, como saber o que será teleportado para o outro lado?

- Logo ao lado há outro grupo de manifestantes, vamos até eles.

- Por que estão reunidos aqui hoje?

- Para que tanto alarde e investimento para uma tecnologia que será acessível apenas a 13% da população quando há obras de uso público e diário que estão inacabadas e vidas são perdidas no pronto socorro por falta de equipamentos básicos? Não há necessidade de termos pressa para esse teleporte.

- Ando em meio esses vários grupos e nem todos estão aqui para protestar, alguns vieram acompanhar mais de perto esse momento que consideram marcante em suas vidas.

- Por que estão reunidos aqui hoje?

- A, meu pai sempre foi fã de Stair Track e eu cresci vendo Spuke e os integrantes da Interprise serem teleportados de sua nave para a superfície de outro planeta e tudo aquilo era muito absurdo na época. Falavam que eram coisa de ficção-científica, mas sempre fiquei maravilhado com aquilo, não achei que fosse viver para ver tal coisa. Estou muito feliz de estar aqui hoje.

- É parece que cada um tem seu motivo para estar aqui hoje, não é mesmo, Willian? – Termina dizendo o nome do âncora para sinalizar a passagem de sua de sua fala para o mesmo. A imagem corta para Willian e, acompanhando os olhos que não vê, diz:

- Obrigado Jéssica. Já já transmitiremos ao vivo e com exclusividade de nossa rede diretamente da CDCC para acompanharmos de pertinho o primeiro

teleporte de uma pessoa. O procedimento foi testado e aprovado em corpos hidrópicos com 100% de precisão e sucesso. Apesar dessa estatística, Kiro Nakamuia, não aceitou voluntariados para testes. Em entrevistas Kiro disse que deu a vida dele em suas pesquisas e não admitiria outra pessoa a não ser ele para ser o primeiro a experimentar o resultado delas. O Phd em física, doutor em astronomia e mestre em computação nano robótica Frank S. I. Sultis foi solicitado pelos credencialistas para fazer uma breve e simplificada explicação das pesquisas de Nakamuia que em instantes será teleportado do CDCC para o Centro de Pesquisa Nakamuia. Uma distância de aproximadamente 10,000km em um instante. Frank é com você.

- Então Willian, o processo baseia-se em uma atualização do software dos nano-robôs com ligação direta em nosso sistema de input usando um scan e output através da reconstituição molecular inteligente. Primeiro é injetado gradativas doses de nano robôs em diferentes partes do corpo. Ao longo de 2 meses os nano-robos categorizam e são categorizados até montar um perfil personalizado do usuário em nosso sistema afim do scan reconhecer e o processar instantaneamente as informações necessárias para que o teleporte ocorra de forma precisa e segura. Ao entrar na cabine, cada nano robo produz um pequeno campo eletromagnético e entra em ressonância com as ondas produzidas pela cabine, agitando intensamente cada um até o ponto de entrarem em confusão quântica, uma peculiaridade da matéria se distanciar e mesmo assim não se dividir. Enquanto agita os nano-robos a cabine scaneia o usuário e repassa todas suas informações do momento em que está sendo teleportado em parelelo com as já armazenadas pelo sistema com o scan primário. Então, utilizando o mesmo princípio da separação magnética otimizada o sistema faz a seleção das moléculas que serão reconstituídas no terminal, ou seja, o corpo do usuário que está envolvido pelos nano-robôs. Para o usuário ter acesso instantâneo ao terminal, é necessário, antes, um registro, na cabine de entrada e no terminal que deseja usar de saída, através de um scan primário. Em breve serão instalados terminais em pontos específicos e estratégicos para o uso de diversos usuários pelo mundo.

- Obrigado Frank. Futuramente os laboratórios Hikiro Nakamuia comercializarão outsputs portáteis, como os terminais, mas para uso particular, os

usuários poderão instalar no local que lhe convir. Agora ao vivo com Clovis Machado, Nakamuia já iniciou seu discurso antes do grande momento que o espera. Clovis.

- Boa tarde Willian, boa tarde a todos que estão nos acompanhando ao vivo. Estou aqui dentro no Centro de Demonstrações Cientificas Credenciadas onde cientistas, jornalistas e poderosos de todo o mundo estão reunidos para presenciar o primeiro teleporte de uma pessoa na história da humanidade. Nakamuia começou agora pouco seu discurso, vamos ouvir suas últimas palavras antes do teleporte. Uma grande distância para o homem, mais longe que seus passos podem alcançar, apenas um instante para seu intelecto.

- ...desde 2002 dediquei minha vida ao estudo da matéria e suas modificações, sempre sustentado na premissa de que meu intelecto me permite fazer isso. E a medida que conseguia aplicar a ação do pensamento diretamente na matéria percebi que ela é reflexo do que pensamos. Não aceitei nenhum voluntário para estar em meu lugar hoje pois dei minha vida a essa pesquisa e não admitiria que outro correr esse perigo. Não gostaria de ser o único a ter essa experiência, por isso trabalhei muito para que tudo ocorra bem hoje. Hoje é um grande dia para humanidade! Há alguns anos, na pré-revolução digital as pessoas se surpreenderam com a instantaneidade de chamadas telefônicas, chamadas de vídeos, no compartilhamento de mensagens e arquivos, uma rede globalizada de pura informação que passou a permear nossas vidas. Não demorou muito para nos fundirmos a ela em escalas cada vez mais intimas. A nano tecnologia permitiu a humanidade atingir um estágio que Yual Harari chamou de Homo Deus. Mestres na manipulação da matéria, muitos poderiam considerar a regeneração de tecidos e órgãos através da nanotecnologia ou o teleporte de objetos inanimados um marco sem igual. Desde então desejamos cada vez mais conhecer os limites de nossa capacidade, até onde nosso intelecto pode chegar? Alguns acreditam que há limites que não podem ser ultrapassados. Hoje os mesmos podem mudar suas mentes, pois o que vou apresentar para vocês agora faz com que tudo mude. Chegou o dia que descobriremos até onde nosso intelecto pode chegar.

Nakamuia se aproxima da cabine. O povo se aperta frente a tela. Calásse sorri para as câmeras. Os que protestam não seguram o grito. O scan é rápido, mas Nakamuia esperou anos para esse momento. Desde que se lembra da ideia de átomo tem um questionamento que não calou-se “Se sou constituído da matéria que me cerca, porque sou tão passivo frente a ela?” em sua curiosidade também havia desejo de poder e de controle. A tela dos noticiários se dividem entre Nakamuia no CDCC e o terminal vago na sede de seu laboratório. Nakamuia olha para seu assistente, entra na cabine e sorri, os nano-robôs são ativados. Dá o sinal para que o assistente execute o primeiro teleporte.

Não foi instantâneo, ao menos não para Nakamuia. Para o povo que antes assistia ao vivo demorou o tempo de o sinal chegar em suas telas, o suficiente para cortarem a transmissão. Para os que o viam no CDCC seu sumiço foi imediato e comemorado com aplausos e assovios. Para os que viram seu corpo chegar na sede de seu laboratório foi um choque ao vê-lo caído, com olhos fundos e sem vida, o receberam com espanto e gritos.

O teleporte consistia em teleportar o corpo de Nakamuia do CDCC até seu laboratório, aproximadamente 10,000km de distância. O procedimento foi um sucesso, o corpo de Nakamuia apareceu no laboratório em segurança. Mas para onde foi Nakamuia? Seu intelecto foi mais longe que seu corpo.

O teleporte não foi instantâneo, ao menos não para Nakamuia. Para ele, o teleporte durou uma eternidade.

Será que consigo? Será que ainda posso? Quanto tempo me espero agir? O dia que vou acordar e me olhar no espelho e perceber o quanto posso fazer, o quanto aprendi, o quanto me decepcionei, o quanto as palavras me custam numa escrita livre. Sem script para ditar a próxima linha, mas vindo dessa fonte não esperava nada diferente. Venha e se ponha de novo e de novo fora de lugar na espera do melhor momento chegar, aquele que deixara de lado sua pretensão arrogante e se permitir errar um pouco. Viver como um num todo misterioso e se encantar por isso sem deixar a imensidão que o cerca intimidar ou fazer sentir miserável ao comparar-se a ela. Tudo bem, haverá pausas. Muitas. Para mudar seu rumo basta voltar acreditar. Mil páginas escritas e se em nenhuma delas estiver a solução? Escreva mais mil. Mas não esqueça do que deixou de fazer por compensar na escrita e o como passou a agir depois de descobri-la. Reconheça esses sintomas. Onde estava a última vez que se viu? Aqui?

Em meio a esses fragmentos de frases mal percebidas no seu dia a dia estão algumas pistas. Preste atenção nas perguntas. Essa saudade toda não é de alguém ou de algum tempo vivido, mas sim de estar presente. Mesmo incompleto ousar completar as sentenças sentindo a tensão de estar fazendo algo e não lamentando pelo que não fez. Narrando a si e seu comportamento doentio, uma auto-observação não muito agradável, mas necessária para sarar. Aí! Entender que cada decisão tomada influência a próxima, como relatar o óbvio agora é lembrar daquilo que nos é essencial, o que nos compõe, o que nos faz estar aqui. Quem dera ser algum tipo de providência divina escrita pelas estrelas ou um mito contemporâneo, se fosse assim não desperdiçaria essas linhas com minhas frustrações e desencaixes, como também não estaria desbravando o maior e enlouquecedor desafio da nossa época: manter-se são.

Fazemos loucuras para mantermos nossa sanidade mental, ao ponto que perdemos o parâmetro daquilo que é ou não. Isso abre possibilidades para uma renovação constante e importuna. Constante, pois ao desmistificar as antigas certezas, estipuladas como base para manter o mínimo de estabilidade emocional, percebe-se que essas são temporárias e necessitam ser renovadas quando

chocam-se com uma nova perspectiva. Isso nos importuna, pois não permite a acomodação.

Não conhecemos mais o gosto do tédio, aquele tédio sincero e saudável para uma mente que não consegue parar de pensar. Vivemos na geração das distrações, nunca foi tão fácil retirar do bolso uma fuga multifuncional.

As palavras quem se encontram nas linhas formam sentidos, sentidos inscritos num diálogo que começou desde que aprendemos nos comunicar. Há escritos sobre o que já foi descoberto, mas há quem escreva para descobrir algo. Esses ousam perturbar seus possíveis leitores com a sensação de serem cobaias de um experimento literário insano, mas que visa tratar aqueles que entram em contato com esse procedimento terapêutico. Dizem que o papel aceita tudo, mas qual o papel daquele que escreve? Aceitar tudo que lhe vem em mente? Se deixar levar por uma escrita automática? Seja qual for a motivação, se parte de si, o ato de escrever ao ato de escolher. A folha em branco não é uma possibilidade, são todas em potencial, dessas infinitas possibilidades cabe o escritor responder a pergunta: qual delas vale o risco? Qual trajetória traçar? O que revelar sobre essas imagens dentro de nossa cabeça? As escolhas das palavras para se expressar diz mais da pessoa que se expressa do que das palavras escolhidas.

Aquele que escreve conversa consigo e com o mundo, faz a ponte entre o que é e o que pode existir. Mas a escolha, ao mesmo tempo que nos proporciona liberdade, também nos impõe uma responsabilidade sobre cada decisão a ser tomada. Você pode criar e destruir mundos inteiros, pode recitar como foi a origem dos tempos ou projetar o discurso final antes do apocalipse, desde que sustente suficientemente essa ideia, que consiga através desse conjuntos de relações transmitir imagens. Para isso é necessário se projetar nas cenas e registrar as vivências daqueles que existem apenas a partir disso.

Qual melhor forma de um escritor que se forjou a partir da escrita relatar sua historia de vida e sua relação com as palavras se não por essas mesmas? Sartre em seu livro "As palavras" relata sua trajetória desde a infância, conta sua relação com o sigo, com o mundo, as pessoas e a linguagem. Formou-se pela linguagem e chega até a tomar o mundo por ela, vivendo por trás de papeis armado pela sua pena sempre inquieta entrega em cada linha o melhor e o pior de si.

Começa a escrever por causa de seu avô Charles Scheweitzer, que não se considerava escritor, mas brincava com seriedade com a língua francesa que aprendera com dificuldade e por isso fazia questão de pronunciar cada silaba com a

devida ênfase e precisão de quem tem o prazer de poder se expressar. Sartre seria escritor como Charles era seu avô.

Era filho único, escrever foi uma ótima companhia, algo que poderia brincar sozinho e mesmo assim estar com uma multidão de possibilidades em sua frente e ao riscar o primeiro traço na tentativa de "arrancar imagens da cabeça e realizá-las fora de si". Seus parentes o apoiavam maravilhosamente, era o menino prodígio da família, todos esperavam muito daquele talento a ser desenvolvido, mas a frequência com que escrevia era tanta que quase s tornou obsessão e a quantidade de protótipos era tamanha que nem seus admiradores fraternais mais próximos conseguiam acompanhar. As vezes nem o próprio menino Sartre que relata a velocidade de sua pena eventualmente causar-lhe dores no pulso e nos dedos, folhas e folhas voando da escrivaninha, seu entusiasmo era tanto que as vezes histórias eram perdidas em meio as pilhas de textos. O prazer de escrever vinha da aproximação que de materializar seus sonhos numa plataforma criativa onde tudo pode acontecer!

Viver e ter consciência de sua existência é enlouquecedor e nada fácil, porém tratando-se de recursos básicos para se manter vivo, Sartre não podia reclamar. Família era abastada e a burguesia francesa na época passava por um momento contraditório em que não havia inimigos aparentes para se preocuparem, mas inquieto como a humanidade é, logo passaram a "inventar" algum para que justificassem sua inquietude. Com Sartre não foi diferente, não possuía adversidades escandalosas, logo, em tempo útil produzia suas próprias tramas, criava e dissolvia problemas em suas histórias, gostava de testar os limites do entendimento e de sua elasticidade mental. Experimentou as maiores tentações da carne e do poder em seus contos, foi ditador, foi ancião, foi herói e covarde, foi rei e foi plebeu. Para escrever necessitava dessa imersão em suas personagens que derivava duma ocasião propícia em que acalmava-se e sentia levemente chegando aquele "ser invisível", mas que Sartre não conseguia ignorar a ponto de tentar tocá-lo a partir da escrita.

Apesar de apaixonado pelos livros, em pouco tempo percebeu que não poderia se alimentar de páginas e palavras, sentiu o peso da sociedade quando

atingiu seus vinte e cinco anos e teorizava os comentários da vida alheia o acusando de não retornar nada a seus semelhantes. Disse que como todo sonhador principiante confundiu o desencanto com a realidade. Via os grandes escritores que saiam nos jornais e temia acabar como um produto a ser consumido ao mesmo tempo que via gênios morrendo de fome por negarem o mercado. Inicialmente não escrevera para ser lido, o único reconhecimento que desejava era aquele que o contato entre a tinta e o papel proporcionava como nada igual, tratava a escrita não como trabalho, mas como missão, não estava de passagem, fora escolhido para estar aqui e relatar sua existência a partir de páginas e páginas intermináveis. Nasceu da escrita, conheceu o mundo pela linguagem e por um momento tomou a linguagem como seu mundo.

Não há ninguém melhor para contar uma vida vivida, se não a própria que a viveu. Vindo de um existencialista fanático pela escrita não haveria modo melhor de contá-la se não pelas suas próprias mãos em contato com seu caderno. O relato de um projeto de homem registrando seu processo de desenvolvimento constante até então, aquele que um dia se considerou imortal, percebeu com o tempo que era falível, mas a escrita era eterna, substância incorruptível que poderia ser lida agora e daqui milhares de anos estaria lá no mesmo livro a sequência exata de palavras escritas a eras. Escreveu até que seus textos o tornasse eterno, tomou sua pena como espada, mas em fim percebeu que não salvaria a nada nem a ninguém se antes não salvasse a si mesmo.

"A cultura não salva nada, nem ninguém, ela não justifica. Mas é um produto do homem, ele se projeta, se reconhece nela, só nesse espelho crítico lhe oferece a sua própria imagem."

Tentou negar sua cultura por não se ver como elite talentosa, era apenas mais um mero humano desamparado num mundo estranho que a partir da escrita moldou sua imagem e semelhança a projeção do que foi, do que é e como poderia ser para salva-se duma vida sem significado claro. Criava seus sentidos e os compartilhava pelo melhor jeito que conheceu, pelo jeito que se conheceu, pelo conhecimento que o fez: a escrita.

Chegamos ao topo da cadeia alimentar, dominamos o planeta, não há mais mares a serem explorados nem terra a vista a ser descoberta, chegamos ao ponto que finalmente alcançamos os limites de nosso crescimento e estamos sofrendo as consequências disso sendo forçados a pararmos para reparar o que fizemos até então. Infelizmente a vista não é das melhores, o ar já não é tão limpo e a convivência tornou-se inevitável. Evoluímos tecnologicamente mais rápido do que o tempo para fundamentar bases sociais necessárias para aprendermos a lidar um com os outros e com a própria tecnologia que desenvolvemos. Nesse cenário temos carros que se movem de forma autônoma e a interação global com conectividade simultânea via wifi, ao mesmo tempo que diariamente vemos como a promessa do futuro ser a solução para nossos antigos problemas não foi cumprida. Apesar da facilidades diárias, o preço que estamos pagando por se distanciar do que tornou tudo isso possível é os índices de depressão e suicídio dispararem proporcionalmente à vendas contabilizadas junto às pessoas nas tabelas.

Pode até parecer um engano, inicialmente pensar que o termo está equivocado, mas não se trata do cientista político. Esse artigo tem como objetivo abordar os impactos dos escritos deixados por Maquiavel e como isso marcou começo do mundo moderno, mudando a forma a com que a política é abordada. Em sua visão realista, revela os bastidores do jogo político, desmistificando a relação entre a ética e a policia, tratando os dois como áreas distintas, e como conseqüência disso, traz a tona motivos que me permitem inaugurar o termo dentista político.

O desejo humano de encontrar algo quê de um sentido central para a vida sempre existiu durante toda a nossa história. Há um trabalho de Dan Harmon e Justin Roiland, uma ficção científica em forma de animação: Rick andMorty, que endereça esse desejo com o que eu melhor descreveria como cinismo altamente reconfortante.

Durante um dos episódios desse seriado a personagem Summer descobre que ela foi fruto de uma gravidez indesejada. Ela fica devastada e se questionar acerca da ideia de que talvez não haja nenhum sentido maior real na sua vida. Então seu irmão mais novo, o personagem Morty, decide contar a ela sobre sua igualmente traumática experiência de ter enterrado o seu próprio corpo de uma dimensão paralela. Ele então conta o que aprendeu daquela lição ao dizer:

“Ninguém existe sobre algum propósito superior”
“Ninguém pertence a nenhum grupo específico”
“Todos nós vamos morrer”
“Venha assistir televisão conosco.”

Embora essa possa ser classificada como uma cena particularmente sombria, ela contém uma mensagem muito reconfortante.

Para pessoas como a Summer é devastador pensar que nós não fomos criados com o sentido de cumprir a um propósito especial. A vida do Rick e do Morty tem sido assim pra sempre. Por que assumir uma postura depressiva se remoendo em crises existenciais, quando a vida está recheada de coisas a serem aproveitadas. Coisas simples como o Morty disse a sua irmã, ao convidar ela para assistir televisão juntos.

Esse conflito com a evidente falta de sentido inerente à vida é o tema central desse desenho. Isso se explica em grande parte devido à enorme escala do universo onde Rick e Morty fazem suas aventuras. Não é que apenas existe um universo de proporções infinitas, mas ele existe em um universo de infinitas dimensões, e cada uma dessas dimensões tem realidades infinitas de fato, essa perspectiva evidencia

o quão comum, efêmero e frágil, tudo o que caracteriza a nossa existência. Mas a intenção ao se utilizar essa escala é propor uma mudança de perspectiva.

Quando você encara a aleatoriedade do universo, a única opção viável é dar importância total apenas as coisas que estão bem a sua frente. Rick e Morty particularmente nos dizem que os amigos, família e fazer o que mais gostamos de fazer são bem mais importantes do que ficar se martelando com questões irrespondíveis sobre a existência.

É uma mensagem profunda cuja melhor síntese foi feita através do trabalho de Albert Camus, no que ele chama sempre com letra maiúscula A : O Absurdo capital. Ele viu uma contradição entre o desejo que caracteriza a espécie humana de encontrar algum sentido para a vida e a indiferença de um universo infinito e desprovido de propósito.

Para Camus, nós somos como Sísifo, descrito na mitologia grega como alguém condenado a repetir eternamente o mesmo trabalho de empurrar uma imensa pedra ladeira acima apenas para ver ela descendo ladeira abaixo, de novo e de novo, pelo resto de toda a sua vida. Mas Camus diz: devemos imaginar que Sísifo está feliz. Ele argumenta que devemos reconhecer o absurdo e a falta de sentido maior de tudo rodeia a nossa existência e aceitá-la. Assim que conseguimos reconhecer isso, ficamos livres para dar à vida os nossos próprios significados e propósitos subjetivos.

O seriado Rick & Morty pondera questões existenciais. Principalmente através do personagem Rick C137, a quem seguimos durante a maior parte do seriado. Ele é ciente da falta de significado inerente à existência. E sem dúvida isso o irrita. Ele é o maior gênio de todo o multiverso e ainda assim ele é um alcoólatra. Se ele não consegue encontrar a Verdade, com V maiúsculo, acerca da sua própria existência. Que chance qualquer um de nós teríamos?

De toda forma é claro que a Ciência é uma das melhores formas que Rick encontra para imbuir de sentido o seu cotidiano, os seus projetos dão a ele a chance de embarcar em aventuras rir e se conectar com seus netos. A ciência não ajuda na

verdade a encontrar um sentido existencial, porque ela não provê de sentidos consensuais e absolutos a vida. E o Rick sabe disso. Ele vê que o melhor que ela pode dar é a chance de explorar as maravilhas do espaço que o cerca com as pessoas que ele se importa de verdade.

Durante o show, muitas vezes parece que o Rick quer nos convencer que ele não se importa com a sua família, as relações entre eles não são perfeitas. Elas estão bem longe disso. E eu acho que esse é um ponto que Harmon e Roiland tentam fazer as relações dele com sua família parecerem horríveis. E o Rick não é feliz. Ele só é feliz de verdade quando ele fomenta uma boa relação com eles.

É revelado a Morty, por exemplo, que uma das expressões que Rick mais repete:
“Waba labadâbdâb” que significa: Eu estou em grande agonia, por favor, me ajude.
Mais tarde no mesmo episódio Rick congela o tempo, para garantir que seus netos possam limpar a sujeira de uma festa antes que seus pais cheguem, mas eles acabam passando a maior parte do tempo se divertindo e assistindo filmes juntos.

Quando Morty menciona que Rick não falava Waba LabaDâbDâb há tempos, ele responde:

"Não preciso mais, eu tenho <(arrotos)>, uma nova frase"
"Ah é? Qual é ela então Rick?"
"Eu amo meus netos"
"Awwwnnn"

Isso só é reforçado pelo fato que ele congela o tempo por 6 meses. Só ele e seus netos. E esse é só um de diversos exemplos.

Em outro episódio, Rick não consegue esperar para ir ao fliperama intergaláctico com Morty passar o dia.

No episódio 16 minutos (o mesmo da crise existencial de Summer), ele passa o dia todo assistindo TV com Morty.

Existe também um momento em que ele sacrifica a sua própria vida por Morty. Embora ele acabe sobrevivendo à situação. Fica claro que ele encontrou mais sentido na sua relação com Morty do que com qualquer outro propósito existencial especial pra ele mesmo.

Esses momentos nos permitem ver além do casulo endurecido de Rick. Ele é um homem que não encontra significado em quase nada, mas é o mais feliz de si quando está com sua família na maior parte de nossas vidas nós interpretamos as nossas ações através da ideia que nós fazemos parte de algo maior.

É difícil aceitar que nossos esforços vão ser todos sem sentido e rapidamente esquecidos em nosso universo, indiferente a nós. Essa busca pelo nosso grande com muita frequência nos cega das coisas que nós realmente gostamos e nos impede de estarmos com pessoas que realmente importam. Desse jeito algumas catarses muito intensas para todos aqueles que o assistem. Nós vemos alguém que é tão frio e cínico que consegue se divertir com seus amigos e família. É através do desenho que Rick nos diz para abraçar a vida. Sempre respondendo prontamente, e de forma certa afinal. Não levando isso tão a sério.

"A resposta é:

“Não pense sobre isso”

Na nossa era pós-moderna. Religião, ideologia, ciência e até mesmo os valores mais comuns. Nem sempre conseguem nos proporcionar um sentido às nossas existências. E essa percepção pode ser incrivelmente solitária. Rick & Morty não sugere que nossas buscas por um propósito existencial não vão continuar. Ele apenas questiona se essa é uma questão que deva de fato tentar ser respondida. Quando uma vida repleta de significado já pode ser encontrada através de amigos família e novas experiências.

De fato, a única coisa mais assustadora que não existir ou não saber, afinal, o porquê de você existe, é existir e não ter ninguém com quem compartilhar.

"Arte: a constante tentativa de criar sentido ao transformar o sofrimento em motivos para continuar a alegrar-se com o desamparo de viver."

Em nosso primeiro ato vivo, a primeira reação essa nova vida, contra todas as expectativas, é o choro; contrastando com a alegria imensa daqueles que já estão adaptados a atmosfera hostil que é viver fora da placenta, mas um enorme sofrimento para o mais novo membro do clube dos desamparados. Diferente de outros animais, nós não nascemos com uma carga genética com procedimentos básicos de como reagir ao mundo, não temos instintos primordiais para isso. Nossa grande herança como espécie é justamente essa, a não definição prévia de comportamentos e aprendizados para se posicionar no meio que vive, somos um animal frágil que inicialmente não possui especialidade alguma, um projeto que está em constante processo, nunca finalizado.

Não temos um rumo determinado, por não haver esse direcionamento natural de sobrevivência, não nos contentamos apenas a sobreviver, é necessário também dar sentido a essa continuidade. Essa necessidade é intensificada pela contrariedade que somos, uma constante transformação, não basta apena estipular os sentidos, pois eles também estão em transição como nós. Ou seja, eventualmente compartilhamos de uma sensação de falta quando carecemos de sentidos para manter nossa motivação para continuarmos vivos.

Nossa especialidade é não ter especialidade alguma, logo, desenvolvemos as nossas próprias de acordo com o processo que estamos. Temos o incrível poder de transformar até sofrer de viver, em algo assim, incrível e acolhedor, útil e renovador, fazemos das coisas diferentes meios para expressar nosso desamparo e ao converter esse sofrimento inicial em um sentido nos causa uma alegria imensa.

Ao entrarmos em contato com o registro dessa transformação, reconhecemos ali que outro alguém que também compartilha desse desamparo sobrevive a ele e consegue fazer do desamparo algum sentido sequer.

A falta de sentido gera sofrimento. A transformação desse sofrimento em sentido gera alegria. A arte cria sentidos.

Como registrar um pensamento?

Em meio ao meu contato com pensamento já registrados me deparei com uma ideia pouco compartilhada com a seriedade que deveria. Nesse mundo só é possível eu estar aqui continuando a escrever graças a nossa mais primordial e exclusiva característica biológica desenvolvida através de anos de evolução: nosso dedão. Isso mesmo. Belezinha? Também conhecido como polegar opositor. Esse apetrecho evolutivo nos permite fazer o movimento de pinça com os demais dedos e em seu conjunto formam uma ferramenta incrível capaz de manipular delicadamente o que está ao alcance de nossas mãos.

Comparado as ferramentas naturais de outros animais as nossas não são nada demais se tratando de sobrevivência num conflito direto. Nossas mãos e pés pouco seriam úteis se não soubéssemos do que são capazes. O grande diferencial é podemos transformar previamente algo para nos servir quando preciso. Na selva se trombássemos um urso pouco teríamos chances usando apenas socos e ponta-pés. Mas pés na ausência desse perigo conseguimos criar ferramentas tão poderosas a ponto de não precisarmos mais nos preocupar com um eventual encontro com um urso selvagem.

Uma ferramenta com o poder de criar ferramentas. A partir disso passamos a constantemente transformar o que há ao nosso redor. O mundo não se limita mais ao que a natureza oferece, mas ao que podemos reelaborar a partir dos recursos naturais de acordo com nossas necessidades e desejos.

Não demorou muito para desenvolvermos uma forma de registrar aquilo que nos cerca e, pelos mesmos movimentos que nos permite transformar, também passamos a registrar nossas transformações, e, conseqüentemente, como nossas necessidades e desejos se transformam. Retas e curvas que formam sentido por traços compartilhados registram e transmitem sensações e pensamentos. Uma

intersecção entre o que é externamente presenciado e absorvido pelos sentidos e o que é sentido e interpretado interiormente. Esse mistura insana tende a beirar a loucura, pois aos termos essa capacidade deixamos de nos limitar às referências e recursos da natureza para criamos nossas próprias referencias e assim desenvolvermos nossos próprios recursos. A partir desses signos e sinais é possível não apenas o registro de um pensamento ou sensação, mas a criação de universos paradoxais como vazios infinitos ou unicórnios sem chifre. Percebe? Misturando referencias conhecidas, essas retas e curvas manipulam tão precisa e delicadamente como nossas mãos fazem ao registrá-las. Como se agora eu estivesse através dessas palavras tocando e remexendo com todo carinho seus pensamentos enquanto levo para passear por essas linhas e ciclos em minha escrita através da nossa linguagem.

Isso revoluciona completamente o modo com que impactamos no mundo em que surgimos. Antes éramos como qualquer outro animal sobrevivendo na cadeia alimentar, mas essa habilidade de desenvolver pensamentos complexos para resolver problemas simples nos fez acreditar que somos mais do que sobreviventes.

Somos criadores e transformadores ambulantes, assim seguimos não mais contentados a manipular o que está ao alcance de nossas mãos, mas ao que pode ser alcançado pelo toque de nossa imaginação. Na forma que estruturamos nosso pensamento, moldamos o mundo a nossa imagem e semelhança.

INTRODUÇÃO

-Eu quero escrever! Tenho tanto a dizer, imagino que o maior presente que poderia dar, em retribuição a existir e ter consciência disso é escrever o tormento e o encanto que isso gera. Por muito tempo não sabia como dizer, muito menos como transcrever em linhas com coesão e coerentes o suficiente para sustentar diversas teorias em prática. Não mais me contentando com o potencial de poder ser o que bem entender, mas o poder agir para entender o ser. Aí, como é bela e desafiadora essa capacidade de transcrever pensamentos compartilhados e canalizados por sujeitos singulares. Por que não relacionar para além do conteúdo, mas a performance de como comunicá-lo uns com os outros duma forma acessível e divertida. Ah! Quero tanto escrever, escrever sobre tudo!

-Sobretudo…

- Não, sobre tudo... separados.

- Entendeste o que quis dizer fulano, não me venha se fazer por desentendido, aqui não há espaço para isso. A questão é simples, quem vai ler tais escritos? Ou pretendes escrever para ratos em volta dum bueiro?

- Que sejam ratos ou bueiros, raposas ou cordeiros, disfarçados um do outro, no mundo que estamos teremos que conviver com tamanhas contradições em suas diversas variedades que somos. A grande maravilha é que podemos ser tudo isso e mesmo assim não saberemos a abrangência de nossa extensão, não é o suficiente para querermos nos conhecer através tanto da fala como da escrita?

- Caso pretenda trocar cartas de amor seria um ótimo romântico meu caro, mas pelo jeito pretende descobrir os grandes segredos e mistérios que os fenômenos a nossa volta expressam, não estou certo?

-Hmmm... De fato.

-Eu sei que estou certo, foi uma pergunta retórica, ouça a mim e saberá o que fazer, tente me contradizer e direi o que pode acontecer para que isso não se repita novamente.

-Não acha que tal atitude seja severamente prepotente para algo tão libertador como descobrir é?

-Deixe os idealismos para sua autobiografia, busco resultados baseados em causa e efeito não em alma e enfeites. Seja direto e preciso, não quero saber se gosta de vermelho ou amarelo, não quero saber de você, quero saber o que consegue fazer com isso.

-Meus ideais são tudo que me compõe. Para além de querer convencê-lo, gostaria de compartilha-lhos. É o que me mantém vivo. O que você sabe? Gostaria de ouvi-lo também, mas sua postura não parece de alguém que queira conversar, mas sim, monitorar se estou condizente com seus padrões tão especificadamente previamente delimitados.

-Quer me ouvir? É tudo que precisava ouvir de você, já chega de conversas paralelas, se quer ser ouvido terá que seguir alguns requisitos, como você falou, padrões tão especificadamente previamente delimitados. Vou lhe apresentar o método. Caso contrário continue fazendo ouvidos nas paredes.

-Não sou obrigado. Fique com seus requisitos resguardados para aqueles que gostariam de se submeter a tal procedimento para ser ouvido. O direito primordial duma relação saudável envolvendo empatia e igualdade, principalmente de aprendizado mútuo, é ser ouvido sem que visar o que ou quem. O que expresso é o meu bem mais precioso, a transformação do meu único tempo de vida em

instantes continuados dos sentidos que faço, mesmo que eventualmente confuso, ao me expressar.

-Uma pena que não tem escolha, está numa situação em que as instituições respeitam o papel límpido assinado esquecendo que as mãos sujas que o assinou. Há tabelas, há gráficos, há metas a serem cumpridas, os registros não são mais histórico-afetivos, mas histórico-burrocrativos. A história contada apenas para aqueles que tiverem pego a senha na entrada, para os demais, não insistam, estou apenas seguindo ordens. Ou seja, tenha as críticas e poesias que quiser, será mais julgado pela formatação do que pelo conteúdo de seus registros. Tente ir contra a expectativa e pode aguardar na fila do setor de métodos alternativos para ser encaminhado a nosso mini-curso de micro-empreendedorismo individual. Vamos começar então ao tutorial de como encaixar sua escrita nas especificidades exigidas para assim poder ser lido, como dizem no nosso ramo, com credibilidade.

-Mas eu quero escrever sobre tudo, como havia dito antes, não gostaria de seguir tais especificidades.

-Você não entendeu ainda? Ninguém quer saber o que você quer, pegue seu caderno e comece a anotar, pois, pelo, visto tem muito o que aprender sobre o conhecimento acadêmico. O que precisamos aqui é ser objetivos, deixe sua subjetividade para as crises existenciais da madrugada, aqui só cabem frases claras, diretas e sem adornos estéticos. Seja objetivo. Faça frases curtas e afirmativas. Continue assim como se soubesse exatamente o que esta fazendo.

Primeiramente não tem essa de escrever sobre tudo, você terá que se especializar caso queira ser levado a sério, para assim entrar num ramo onde várias pessoas pensam dentro da mesma caixinha que você e ficam se digladiando para quem se estende mais em uma discussão de corredor sem perder a amizade. Spoilers a parte, vamos lá, comece a anotar:

DESENVOLVIMENTO

Escolha um tema, não há como ser objetivo ao querer escrever sobre tudo. Escrever sobre tudo é algo muito abrangente, estamos na era do imediatismo, mal as sinopses de filme as pessoas estão com saco para ler, imaginem textos falando sobre tudo? Não, não, não dá, eu tenho que começar a ler sabendo onde você quer chegar, para assim decidir se investirei meu preciso tempo em suas palavras. O tema delimita a abrangência do assunto para direcionar o leitor a entender em que chão está pisando, para assim decidir se vai querer caminhar sobre ele. Entende? Prepare o terreno tanto para o leitor quanto para você. Decidir um tema poupa muitas linhas de divagação procurando conciliar as relações entre tudo e todos, que com, divagações a parte, certeza sua imaginação infantil conseguira fazer com facilidade, porém isso não nos interessa, escolha o tema e direcione a área do conhecimento que gostaria de dissertar.

Ao delimitar o assunto de que gostaria de tratar, deve, a partir dele, escolher uma tese. Se o tema e a tese formassem um quadro, o tema seria o cenário que envolve e contextualiza a tese, no caso, os personagens para que ele reajam e interajam entre si, compondo assim narrativas e inteiras. Apesar da analogia ser poética, a tese é o ponto que gostaria de tratar sobre determinado assunto, uma perspectiva analítica impessoal para descrever como e porque essa perspectiva é pertinente ou sustentável; seguindo nossas lógicas de coerência e coesão para formar uma argumentação clara e sucinta.

-Arrg, mas isso não tem graça nenhuma, você está falando a tempos eu só ouço exigências e exigências, até então nem falei o que tanto gostaria de sustentar!

-Que falta de respeito é essa? Preste atenção, não me interrompa. Eu sei que esta ansioso para começar a escrever, mas tenha calma, terá que ler muito antes de começar, ou como fará as devidas referências?

-Referências? Que referências?

-As referências necessárias para "credibilizar" e sustentar sua argumentação. Pessoas que já pensaram o que você pensou para garantir que você tenha pensado isso devidamente, devem estar presentes impreterivelmente no final do artigo, mas isso fica para mais tarde. Vamos por partes.

-E de qual referência você tirou isso?

-... sabe, sempre foi assim, nunca tinha pensado nisso...

- Hã?

- O que? Eu quis dizer, é... !!! São ordens diretamente da central !!! Preste atenção, não se distraia assim! Continuando:

-Após delimitar o tema e decidir qual será a tese que irá sustentar, terá que encontrar meios para sustentá-la. É isso que distinguirá das suas meras opiniões que tem tagarelado por aí. Nesse ponto contemplará o cenário que delimitou e analisará como os personagens se comportam nele e assim poderá elaborar hipóteses das causas implícitas que geram tais efeitos observáveis.

Agora com tema, tese e hipóteses poderá começar a…

- ESCREVER!?

- Não, pesquisar. Procure referências sobre o tema tanto os que se relacionam diretamente quanto apenas aqueles que tangenciam sua tese. Enriquecendo, assim, seu repertório de argumentos, críticas e contra-pontos que vão compor sua escrita.

-Tudo bem, eu já conheço bem sobre o que gostaria de escrever, posso?

-Não. Não acredito em você, vá pesquisar. Onde é que estávamos? Assim, depois de uma severa pesquisa envolvendo pessoas, lugares, artigos, colegas, professores, representantes do poder publico, bibliotecas públicas, mídias digitais, analógicas, sua tia avó, o cachorro da vizinha e principalmente…

- Eu?

-Não, o que? Você não... pelo amor... Você não entendeu ainda não é? O conhecimento é uma lanterna no escuro e no momento sou eu que estou com a lanterna, você não vê nada, é aluno, não tem luz, ou vai me dizer que nem latim você entende? Essa geração viu... sabe consertar o wifi, mas não sabem o básico do básico sobre educação. Senta aí e presta atenção, não me faça contar até três!

Como estava dizendo antes de você, agr... novamente me interromper, eu iria dizer: principalmente seu orientador.

-Mas eu sou meu próprio orientador. Quem mais iria me orientar nesse mundo-ocidente maluco de jeans e meia calça?

-Eu vou simplesmente ignorar tudo que você acabou de me dizer agora para que eu simplesmente não mande você cal... quero dizer, para que esse diálogo seja passível de continuação.. Vamos lá!

Formatará os resultados de sua pesquisa sinteticamente para justificar suas hipóteses, formando premissas coesas e argumentos coerentes com a tese e em abrangência ao seu tema. Como te conheço sei que vai querer começar já dramaticamente com firulas e poesias fantásticas para atrair seus leitores, mas nem pense em fazer algo assim! Há um script a ser seguido e nem tente distorcê-lo! Aqui há começo, meio e fim muito bem delimitados, com nomes mais apropriados para nosso rigor acadêmico que são introdução, desenvolvimento e conclusão.

Aí você perceberá a razão de tantos pré-requisitos para começar a escrever, com o tema, a tese e as hipóteses já pensadas, escrever será a parte mais fácil. Esses serão os ingredientes básicos para compor seu texto. A receita que nunca falha.

Na introdução descreverá o cenário que irá trabalhar, apresentará os personagens presentes nesse cenário e apontará brevemente o caminho que sua argumentação fará para relacioná-los em conjuntos revelando assim o direcionamento que a escrita será desenvolvida. Apenas apresente aqui as premissas de sua argumentação, deixe para desenvolvê-las na segunda e seguinte parte que irei explicar agora para você.

Com os leitos já contextualizado e interessado (ou não) em seu texto, deve agora guiar seu pensamento com fluidez e precisão para justificar sua premissas com argumentos que serão descritos e relacionados seqüencialmente de forma impessoal, direta e sem adornos estéticos. Compondo assim a parte de desenvolvimento do texto. Momento em que utiliza de todos os recursos providenciados pela sua pesquisa para sustentar sua tese e contrapor as que a invalidam ou a negam. Fique bem atento para essa parte, é o recheio do bolo, é o que fará liga do começo para o fim, caso o desenvolvimento fique defasado a introdução se torna apenas um infete e a conclusão infundada, comprometendo, assim, a validez do texto.

Por fim, com os premissa já demonstradas e os argumentos encaminhados naturalmente haverá o resultado, a tão esperada conclusão do trabalho. Nela é sintetizado os principais pontos que as hipóteses convergiram com a argumentação para relatar uma perspectiva analítica do tema, comprovando, assim, a tese do texto. Após tamanho tempo, paciência e sofrimento dedicado; esse que será recompensado devidamente num lugar melhor onde seus esforços valeram o gasto e a sanidade mental encontra sua moeda de troca, um lugar cheio de grandes nomes e principalmente, muitos e muitos números, o paraíso lotado, encontrável e acessível no link http://lattes.cnpq.br/

Isso apenas se seu desenvolvimento encaminhar para uma conclusão coerente e sustentável pela sua argumentação condizente com as premissas apresentadas na introdução do texto.

Agora é a parte mais divertida, como saber se seu texto terá credibilidade ou não. Após a conclusão deverá apresentar devidamente as referências que utilizou para sustentar tal pensamento e argumentação. As referências serão o fator primordial do seu texto, nem tente inventar alguma, o que você disse só terá validez se outro alguém já tiver dito parecido ou semelhante, mesmo que esteja contradizendo seu raciocínio, mas que sejam pessoas que já pensaram o que você pensou para garantir que você tenha pensado isso devidamente. Por isso nem tente com essa de ideia inovadoras, isso era coisa do século passado, estamos na era da reprodução mimética, leia e passe para frente, telefone sem fio agora com extensão em wifi. Caso não haja precedentes do que você tenha escrito, simplesmente guarde para você, pois não será um conhecimento válido por aqui e poderá ser julgado como incompetente ou pesquisador preguiçoso. Por isso trate de pesquisar bem e fale muito bem o que já foi dito, mesmo que seja para falar muito mal, pois é isso que importa.

Com todas as partes escritas, sintetize um resumo como as sinopses de filmes (mal escritas e mal lidas) para servir de cartão de visita do seu texto, convidando o leitor a se interessar(ou não) pelo assunto demonstrando do que seu texto se trata e para onde deseja levar o pensamento daquele que lê. O resumo se localiza na capa do texto em logo em seguida do conjunto de cima para baixo: logo da instituição pertencente, título do texto, subtítulo se for necessário e nome do autor.

Pensa que acabou não é? Nananina, ainda há um ultimo pré-requisito, o texto terá que estar de acordo com as normas da ABNT, o que é isso? Se vira meu querido, era da informação vai pesquisar. Como sou bonzinho falarei ao menos o que terá que fazer, mas não o porquê disso, vamos lá.

Formatará o texto nos seguintes moldes: FONTE ARIAL 12; ESPAÇAMENTO DE LINHA EM 1,5; TEXTO MILIMETRICAMENTE JUSTIFICADO, e uma par de

coisa para citação que para cada tipo e tamanho tem uma, nossa...pensando melhor é mais fácil ir no google mesmo, lá você acha, caso contrário teria que dissertar outra bíblia para esclarecer cada detalhe.

Feito isso, poderá ser ouvido com a devida atenção no meio acadêmico.

Não foi nada de mais não é? Além de acessível é divertidíssimo, você tem que experimentar, os tarjas pretas que tomo para aguentar tudo isso, eles são incríveis, digo, mundo acadêmico é incrível! Nós, nossos artigos, nossos números do lattes, adoro essa bolha que nos envolve, é um mundinho só nosso sabe, para fora dos muros sou apenas mais uma pessoa comum, aqui não, aqui eu me sinto tão poderoso , aqui eu posso mandar e ser respeitados por poucos e bons e produzir para poucos, mas nem tão bons assim. Quer dizer, onde estávamos? Assim, quase acabando.

Muito bem, percebi que finalmente está aprendendo, quieto, apático, sem o menor sinal de emoção a cada frase que compreende, isso mesmo, está fazendo muito bem fulano. Vistes? Não foi tão difícil, aqui estão as especificidades necessárias para escrever seu texto. Sobre o que gostaria de escrever afinal?
...
...
... - Fulano?

CONCLUSÃO

(Ouve-se de longe uma melodia sendo tocada, ela vai se aproximando, é fulano dedilhando o violão. Ao se aproximar, mas não muito, começa a cantar)

" O coração não conhece cara nem coroa
Vou tomar muito cuidado
O medo da morte e do desconhecido nos impedem de sentir
A muito tempo cultuamos o relógio na espera dos ponteiros pararem
Sua movimentação

Dia a dia o despertador interrompe a vida
Suas horas estão contadas
Não por poetas, mas por máquinas
E desejo pela razão nos afasta

Do belo
Incompreensível
Infinito, a ilusão dos sentidos
Nem feras ou deuses, um dilema
Em busca da aceitação
E mesmo assim...

Nos dizemos conscientes sem saber do que
A libertação dos erros é aprender com as dores
Já não há mais palavras para descrever
A força que me domina
É a mesma que me assombra

E se....
E se...
Ninguém vence?

Tergiversations will close our eyes
About people
About soul
About thinks
About flow
About energy
About faith
Na batalha que ninguém vence
E se....
E se...
Ninguém vence?

E se...
E se...
Ninguém vence"

-Percebo que essa é uma metodologia refinadíssima para sistematização de ideias, aprimoramento de pensamentos e produtora de um conteúdo sintético e encadeado. Ao te ouvir aprendi muito em como as etapas podem sim favorecer o resultado final, porém isso compõe uma contradição implícita no discurso, já que as etapas de seu discurso para repassar esse método não favorecem um resultado final satisfatório. Mesmo após entender o que você me forçou a compreender, mesmo que eu tenha apreendido tal conteúdo de forma árdua e severa, não me motivou a expressar-me através dele em prática, pois não me toca de nenhuma forma, muito pelo contrário.

O que sinto não é relevante no processo e por conseqüência, por não me ver como parte integrante da obra, não reconheço nem a mim e, por conseguinte, não reconheço o outro em tal ação; logo, me distancia de querer transmitir o que acabei de aprender. O modo como se aprende influencia diretamente no modo em como é ensinado. Mesmo que eu tenha aprendido algo com você, foi de forma severa e impessoal, é bem provável que se, em algum momento for explicar relacionado ou até lecionar sobre, irei reproduzir em partes ou integralmente os aspectos severos e impessoais.

Comprometendo assim uma cadeia de ensinamentos preciosos que foram contaminados por uma anti-didática que faz do conhecimento algo chato e autoritário. Em contrapartida a sua real capacidade de ser, renovar e libertar aquele que entra em contato nessa jornada sem fim. Se compreende a importância daquilo que conhece e gostaria de compartilhar com os demais, pare de querer convencer ou até mesmo obrigar seu interlocutor a ouvi-lo, faça um convite, sensibilize-o e deixe que o interlocutor se envolva e se interesse pessoalmente pelo que você tanto gostaria de compartilhar.

O conhecimento realmente é uma lanterna no escuro, que desliga o seu mudo, se faz dele um instrumento para calar os demais, está desrespeitando e

desperdiçando o poder que tem e pode ter; pois se acredita que dominar pode lhe proporcionar o poder que tanto anseia, te afirmo com toda sua pretensão, que compartilhar pode lhe proporcionar muito mais poder que conseguiria adquirir assim, pois não estará mais sozinho em sua caminhada.

Agradeço por trazer a mim o melhor que consegue fazer de você com o que conhece, e pelo visto conhece o suficiente para achar que sabe demais, mais que os demais, nisso esqueceu-se do porque começou a fazer o que faz, já que agora acredita que sabe exatamente o que fazer e, pior, acha que sabe exatamente o que os demais devem fazer. Fechando assim o canal de diálogo primordial, elemento básico necessário para transmissão mútua de conhecimentos, para assim traçar um aprendizado em conjunto ao invés de solitário, fazendo do método um meio, não o fim. Por isso, lhe faço um convite, vamos esquecer tudo que achamos que sabemos para aprendermos juntos?

REFERÊNCIAS

FAGGION, Vinicius de Souza. Era só uma piada: Uma apreciação crítica aos limites do humor. Era só uma piada, [s. l.], v. único.

SOBRENOME, Nome. Título: Subtítulo. Editora. Número da edição. Volume.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição

EXISTOMESMO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

BROOKS, David. O ANIMAL Social: A história de como o sucesso acontece. 1. ed. Estados Unidos: Objetiva, 2011. 448 p. v. único.

CONVENCILDO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

SUZUKI, Shunryu. Mente de Principiante. Estados Unidos: Zentatsu Richard Baker, 1970. 132 p. v. único.

FILISPINO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

Dicionário. AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

DEUTRANOS, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

CAERÃO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

Ética a Nicômaco. In: Os Pensadores vol.II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cutural, 1979

FULANÍSTICO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

Não se sabe, Sócrates. Tagarelices pela praça na Grécia: parte 273. Grécia. Um ano próximo a zero. Volumes infinitos. Edição colossal. Páginas inscritas-Páginas apenas faladas.

CICLANOL, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

CADERNO, Meu. Meu caderno. São João del Rei, Períodos complicados.Terceira edição, entre desenhos e poemas. Não estou brincando. 2019

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

FAGGION, Vinicius de Souza. Era só uma piada: Uma apreciação crítica aos limites do humor. Era só uma piada, [s. l.], v. único.

SOBRENOME, Nome. Título: Subtítulo. Editora. Número da edição. Volume.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição

EXISTOMESMO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

BROOKS, David. O ANIMAL Social: A história de como o sucesso acontece. 1. ed. Estados Unidos: Objetiva, 2011. 448 p. v. único.

CONVENCILDO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

SUZUKI, Shunryu. Mente de Principiante. Estados Unidos: Zentatsu Richard Baker, 1970. 132 p. v. único.

FILISPINO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

Dicionário. AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

DEUTRANOS, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

CAERÃO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

Ética a Nicômaco. In: Os Pensadores vol.II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cutural, 1979

FULANÍSTICO, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

Não se sabe, Sócrates. Tagarelices pela praça na Grécia: parte 273. Grécia. Um ano próximo a zero. Volumes infinitos. Edição colossal. Páginas inscritas-Páginas apenas faladas.

CICLANOL, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

CADERNO, Meu. Meu caderno. São João del Rei, Períodos complicados.Terceira edição, entre desenhos e poemas. Não estou brincando. 2019

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome. Título do artigo ou da matéria: Subtítulo. Título do periódico: Subtítulo, Local de publicação, ano Ano, v. Volume, n. Mais números, ed. Número da edição, p. Páginas inicial-final, 2019.

"O seu destino e do tempo" (parte 5/7)

O medo que sentimos ao entrar em contato com essa caminhada no tempo vem por conta da responsabilidade de fazer escolhas e decidir seu destino.

Num momento fomos criados acreditando sermos criaturas que tem suas vidas traçadas no nascimento por uma força onipresente, não temos poder algum comparado a isso e assim nos acostumamos com a impotência de mudar o rumo.

Em outro momento fomos criados achando que somos criadores e podemos controlar todos os rumos, não apenas o nosso próprio, mas das pessoas ao redor e até dos fenômenos dum planeta inteiro.

Sou um vazio cheio de desejos. Inclusive essas palavras são para mim a solução desse meio sem fim que me encontro. Duvidas me bastam para continuar a existir, mas de tempos em tempos necessito de um desabafo como esse. A folha em branco me abraça sem me julgar, sem jogar comigo. Confesso aqui o melhor e o pior de mim ao mundo que me toca. Porque agora escrevo pode ser uma pergunta tão boba quanto porque deixei de escrever até então. Se penso demais, meus pensamentos me devoram, consomem o melhor da espontaneidade. Para que ser tão direto, que haja espaço para nos pormos nas linhas que fazemos. Um universo próprio a cada reta atravessando os sentidos que saem pela tangente nesse ciclo tão perpétuo quanto os ecos que ressoam em nossas cabeças. Com quem converso? Comigo? Com quem lê? Com quem está presente? Conhecimentos compartilhados por signos e sinais capazes de nos por em contato nem que seja por uma fração do gostaríamos de proporcionar. Tentar encontrar o conjunto ideal de palavras para se expressar pode ter um efeito contrário quanto a sincronia entre ação e reação ou causa e efeito. Esse tipo de teimosia eventualmente revoluciona o modo com que escolhemos viver nossa história, mas na maioria das vezes é um saco e dá uma puta dor de cabeça para todos os envolvidos. Quanta seriedade nessa escrita. Escrevendo a historia enquanto ela acontece. Que pretensioso. Lhe falta responsabilidade nessas linhas rapaz. Olha só, ou melhor, não só olhe, que incrível poder temos em mãos. Um pergaminho infinito com um pincel infinito. Claro que o contato entre a tinta e o tecido tem sua mágica, mas ainda sim é possível criar imagens a partir desses pixels que piscam pra lá e pra cá. Sendo assim fique um pouco mais tranqüilo para, não gastar, mas investir seus devaneios dos mais tolos aos mais incríveis aqui ou em qualquer outro meio. Faça isso até lembrar que não se resume a você. Agora imerso em sua própria confusão sente os efeitos de distanciamento do que pensa e do que faz. O que tanto gostaria de escrever? O que de melhor posso fazer por nós do que cortar as pontas? Saudades de você. Está vendo... Um parágrafo é pouco para tantos devaneios, a arte de escrever se aprecia com calma, sem pressa para se expressar. Quantas historias lindas espalhadas pela sua cabeça, basta um pouco mais de consideração por elas. Vagando de memória em memória, desejo em desejo, nada fica mesmo. O foco as vezes ofusca a visão periférica, mas é necessário para uma melhor consistência nessa transformação de sensações em sentidos. Respeite seu tempo, vá descansar, volte quando quiser, a

saudade bate mesmo, aproveite sem medo, sentir é renovador e escrever liberta a dor.

Que tal dois, dando um dois, mais uma vez alterando através de misturas sua substancia. Está pensando demais em você, pare de se enganar. Lhe falta coragem para perceber o estrago que está cometendo consigo, leia novamente essas frases e vai perceber como está patinando em suas próprias confusões. Sou um bosta. Não. Estou um bosta. Um bostão. Sinta sua postura, que coisa mais torta, isso ta te torturando. Se ponha no seu lugar se não vai estar condenado a escrever como qualquer um preocupado demais com seus defeitos e se ocupando de menos com os seus possíveis efeitos. Não ficaria eu decepcionado com mal feitos decorrentes de inexperiência ou imaturidade, desde que ao fazer esteja colocando tudo de si, mesmo que isso ainda fosse pouco. Mas não vou admitir o mau aproveitamento da experiência adquirida com os erros cometidos até então, mesmo que o melhor a ser feito seja não fazer nada. O desperdício de potencial é tão doloroso quanto uma ação dolorosa. Em algum momento preferiu desviar as respostas de suas perguntas. O que?

Fico imaginando como que em meio aos trilhares de processos simultâneos em nosso corpo para se manter funcionando não ocorre algum colapso. Nossa visão mecanicista nos da à falsa impressão que as funções executadas diariamente pelo nosso metabolismo são friamente executadas com uma precisão infalível. Como esperamos que ao girar as chaves o automóvel vai ligar, que ao apertar o botão a tela vai sintonizar, que ao dar play o vídeo vai ser reproduzido, que ao digitarmos o site vai estar online. Esperamos uma reação coerente dos aparelhos e suas determinadas funções. Mas para que usamos nosso corpo? Gostaria de uma resposta imediata para essa pergunta? Ou entende que não somos como aparelhos, somos mais parecidos com nuvens. A cada momento se desfazendo e se formando. Em meio aos trilhares de processos simultâneos em nosso corpo para se manter funcionando, ocorrem constantes colapsos. As funções executadas diariamente pelo metabolismo são executadas com uma vontade incalculável. Talvez indescritível, mas não intocável. Sentimos enquanto vivos. Somos esse conjunto desequilibrado. Fizemos do choque entre contrastes nosso meio para nos mantermos vivos. Não me mantenho agora por minhas células executarem sua

função perfeitamente. Vivo agora, pois minhas células continuam a reagir à desordem da forma que podem para manter minha consistência, mesmo que esteja constantemente em crise, ameaçada pela transformação. Vários fins e inícios por segundo, nossa função é essa continuidade.

Esperar o melhor momento é deixar de fazer agora
Quantas horas se passam tentando organizar
A lista de afazeres
Os emails não lidos
As chamadas perdidas
Dificil conciliar a espontaneadade em meio a rotina
Mas somos seres de rotina
Esperar o melhor momento é deixar de fazer agora
E se não tivéssemos esperado para fazer
Não estaríamos na fatalidade que nos encontramos agora
Como certa vez um gênio da estratégia e gestão de poderes e recursos

Esperar o melhor momento é deixar de fazer agora
E se não tivéssemos esperado para fazer
Não estaríamos na fatalidade que nos encontramos agora
Numa cidade em que o rio sempre alagava e causa severas destruições
Muito se gasta e pouco adianta tentar conter sua destruição após a água já ter transbordado
Cuidar dos mortos e feridos é mais recomendado nessa situação
Mas nada impede durante a calmaria após a tempestade tomar medidas para evitar o alagamento ou ao menos reduzir os danos causados por ele, diminuindo assim a tragédia que seria quando transbordasse novamente
A questão do alagamento está bem atual, mas essa história pode servir como metáfora quanto a outros tipos de calamidades. Como a que passamos agora, a primeira pandemia global, sim, é bem provável que haja outras mais, por isso a necessidade de reestruturar a forma como vivemos mesmo que gradativamente, pois somos seres excepcionais, fazemos coisas excepcionais e tbm temos um crescimento excepcional.

Se nos assustamos qt ao crescimento exponencial e avassalador do codvid19, observe o crescimento populacional que a humanidade teve ao decorrer da historia, o gráfico também é avassalador, também crescemos exponencialmente como um virus na terra. Veja as conseqüências da falta de planejamento urbano, é a síntese da relação do nosso crescimento com os problemas que enfrentamos diariamente.

Mas não há mais tantos mares a serem descobertos ou terra a vista, não tem mais para onde expandir, não tem mais para onde fugir, só temos essa terra! e seguindo esse crescimento desajeitado e sem rumo que temos provavelmente o codvid não será o ultimo acontecimento que fara com que entremos em colapso.

Para compreendermos o impacto que temos coletivamente é necessário ter consciência do poder que temos em mãos e esse momento, apesar de trágico, é a oportunidade de estudarmos a nós mesmos e entendermos o porque agimos como agimos. São questões que assombram a humanidade desde que aprendemos a falar, nos acompanham a vida toda, apenas aprendemos a ignorá-las, mas agora nesse estado de calamidade global e isolamento individual passam a pesar novamente sobre nossos ombros as questões mais primordiais para não apenas sobrevivermos, mas vivermos: "Quem sou eu? Para de onde vim? Para onde vou e o que será de nós?"

O que será de nós eu não sei, mas temo continuarmos como estávamos, desconhecendo profundamente o que nos compõe e como compomos o mundo a nossa volta. Evoluímos tecnologicamente anos-luz a frente da nossa evolução pessoal, sabemos o peso do sol e como fazer toneladas de aço voarem, mas somos péssimos em como lidar com nossas sensações e sentimentos. Ironicamente são essas que motivam nosso desejo de descoberta necessária para novas invenções, desconhecemos a proporção do que já inventamos, por isso mas não creio que precisemos agora de novas invenções, precisamos urgentemente nos reinventarmos.

Acordou cedo. Apesar de o cenário colaborar para não haver tamanha necessidade para isso, já que a maioria de nossos compromissos estão suspensos por tempo indeterminado. Foi sentir o sol na pele, o sol logo de manhã, aquele que não queima, mas aquece. Observando o vento mudar as formas das nuvens percebe-se que o mundo continua a girar, os pássaros ainda cantam. Para natureza isso apenas é, sem juízo de valor, mas o mundo que criamos cobra. Nos cobra constantemente de encontrarmos um sentido claro para justificar nossas ações. Ah! Manhãs... Seu frescor combinam tanto com o tom dark de meus pensamentos ofuscados pela desesperança, como o dia vou gradativamente aquecendo. Esses pensamento vão evaporando e meu otimismo infantil voltar querer a amadurecer das tardes as madrugadas. Como quem quer ser e fazer tudo que imagina, quem diria que isso não mudaria o fato de que a gravidade pesa para todos os ombros. O que muda é o ato que vem duma postura de veracidade leve e sem generalizações. Preste bem atenção, isso não é sobre você, não só sobre você. Invente uma história, crie os personagens, explore arquétipos e gatilhos de anos de reflexão e entretenimento armazenados em arquivos nuvens. A escrita é infinita, há espaço para tudo, por isso nunca se esqueça que há possibilidade de nada acontecer a partir disso. Tudo pode acontecer, inclusive nada, está lembrado? Então fique ligado, tentar conciliar tudo e todos em um só parágrafo pode ser um recado, mas que recado?

Parece que acordou de um sonho, as linhas todas estavam trêmulas, as páginas voltando a sua branquidão, o baque fora tremendo que as sílabas pularam pela janela. Assim, o sentido desorientado tenta se esquivar de amarras, porém ele é a própria. Amarra ou na marra.

-Uma pena esses escritos estarem jogados no chão do ônibus não?

-Hmmm.. Não sei não, achei muito esquisito.

-Toma, pegue-o.

-Nããão, tira essa coisa suja de perto de mim.

-Relaxe, você já está coberto todo de pele morta, uma poerinha não vai lhe fazer mal.

coloca o papel no bolso

-Tábem! Com sorte não perco na máquina de lavar. Inclusive, sabe de alguém que concer...

BOOOM, baque no ônibus

Os passageiros são jogados para a frente do veículo, percebe-se que não havia motorista o que torna óbvio a batida. O que é surpreendente é como não havia batido antes. Ou havia e ninguém percebeu o estrago. Porém agora é inegável, está na cara, não há motorista. Os passageiros que restam são responsáveis por essa condução. Ou será que não?

-Que porra é essa?!

-Meu Deus!!! Como isso pode acontecer?

-Acalmem-se! Acalmem-se! Acalmeeeeeem-se!

-Quem vai ser o primeiro a dizer o porque entrou num ônibus sem motorista?

-Porque não diz você já que pergunta?

-Eu não me lembro, bati com a cabeça no volante.

-Pois fique sabendo que eu me lembro muito bem, estava parado na estação, havia várias pessoas na fila, certamente era algo importante, nunca vi tantas pessoas num ponto só para pegar um ônibus. É claro que eu fiquei para ver o que era. Logo no final da fila havia um velinho que ganhou a preferência e foi até o primeiro lugar no ponto, ele estava tão feliz nesse trajeto, apenas reforçou minha expectativa quanto a que lugar esse ônibus levava. Então entrei na fila imediatamente.

-É verdade! Eu estava na fila, você lembra de mim?

-Hmmm... Vagamente, talvez sim, talvez não, como disse eram muitas pessoas, o engraçado que não vejo boa parte delas presente aqui agora. Bom, devem ter descido em outro ponto. A questão é, minha espera foi enorme. Desesperadora, ansiedade quase corroia meus dedos. Foi então que passou um ônibus. Não, não era esse, mas como saber, da pra confundir, afinal são todos tão parecidos. Mas não parou no ponto. As pessoas esperavam ali como eu, algumas a muito mais tempo do que podiam me contar porque as histórias contadas naquela fila foram tantas quanto o seu tamanho. Passou-se tanto tempo que eu mesmo perdi a noção de quem era eu ali em meio a essa imensidão de vidas e vivências. Sobreviventes. Como eu em meio a milhares. Mas não deixei me abater, mantive a postura e fiquei de prontidão à espera desse misterioso ônibus. As necessidades básicas eram angustiantes, tive que segurar diversas idas ao banheiro e noutras vezes não tive o que comer ou cobertor a noite. A situação era péssima, a sorte que tínhamos era termos uns aos outros. E as vezes nem tanto porque enchia o saco, principalmente a mente devanear ao pressupor que se não houvesse pessoas não haveria fila nenhuma, logo não haveria essa espera absurda e suas situações extravagantes

Parece piada, mas nunca foram...

Certo dia um rapaz veio a delegacia precisando de ajuda, com uma história deveras engraçada. Aparentemente.

Ao acordar de manhã encontra um limão que foi jogado em sua casa, nele havia em volta um bilhete anônimo.

No bilhete constava um aviso, resumidamente: a fumaça vinda da casa do rapaz entrava na casa do suposto anônimo e isso estava o incomodando, dizendo ele que estava prejudicando sua saúde. Finalizando o bilhete alertando que chamaria a polícia caso isso continuasse a acontecer.

O rapaz reconhece o pedido do anônimo, mas se encontra na seguinte questão: como atender ao pedido do anônimo, se nem ao menos sabe quem ele é, ou onde ele mora?

A resposta mais simples seria: o rapaz parar de fazer fumaça.

Acontece que a fumaça era bem específica, o rapaz fumava maconha em própria casa. Por quê era necessário que uma pessoa abdicasse de exercer seu livre arbítrio em sua própria propriedade sendo que, como constava no bilhete: "a liberdade de um termina quando começa no outro"?

O rapaz decide então buscar o diálogo mais próximo a pessoa que estava incomodada. Sendo ela anônima, procura nas vizinhanças as pessoas possíveis disso ter acontecido.

Conversa primeiro com a vizinha da esquerda, duas idosas o atentem e ele conta a situação sem esconder os fatos.

Elas dizem que não sabem de quem poderia ter sido e se fossem elas, falariam duma vez, bateriam na casa e pediriam numa conversa, nada de anonimato. Dizem que concordam com o rapaz, que ele está no seu direito, afinal, permanece em sua própria casa. Como regula o distanciamento social.

Depois conversa com a vizinha da direita, duas crianças atentem e chamam a responsável presente. Ela diz o mesmo que as idosas da casa a esquerda, reafirma que se fosse o caso também bateria na porta e conversaríamos sobre isso, como já fizemos outras vezes, nada de anonimato.

Visto isso o rapaz decidiu recorrer a solução sugerida no bilhete: a polícia.

O rapaz vai até a delegacia e relata a situação a um Srto da políca em busca de ajuda em como melhor proceder com essa situação.

É claro que a maconha continua ilegal no Brasil e isso gerar diversas situações com mais absurdas e previsíveis consequenciais.

O ato de um rapaz que fuma maconha ir a delegacia relatar o seu uso já parece absurdo, o mesmo rapaz ser recebido como um estereótipo disso é previsível.

O policial acha cômico, aparenta não conseguir entender o porquê em sã consciência o rapaz faria isso. Perguntar a um policial qual o melhor lugar de fumar maconha? Ele ri e tenta esclarecer que o melhor a ser feito seria o rapaz fumar em outro lugar, e que não precisaria se preocupar com o bilhete, nada iria acontecer, a não ser que a polícia fosse lá e o levasse em flagrante por estar fumando.

O rapaz acha um absurdo no momento em que admite que é usuário de maconha o policial mudar o foco da questão para isso, ao invés da situação do bilhete anônimo apresentada.

O rapaz vai ao policial como cidadão trabalhador, paga suas contas para estar em casa e felizmente conseguir seguir a risca o distanciamento social vigente desde março de 2020.

Em nenhum momento deixou de seguir as instruções de como lidar com essa pandemia global. No meio desse turbilhão de fatos avassaladores demais para serem repetidos, agora também, tem de lidar com o terror psicológico do vizinho anônimo.

Esse anônimo saber onde o rapaz mora, sabe de seus afazeres e ter na mão o poder de fazer o rapaz ser parado em sua própria casa.

Alguém em casa em plena pandemia global tentando fazer o que bem entende para se manter em casa e sã nesse momento de insanidades, tem de lidar com mais isso? Como fica a saúde desse rapaz?

O único recurso institucional que o rapaz poderia buscar para se sentir seguro não o recebeu, não ouviu, não o percebeu. Se não saberia que aquele rapaz já tinha uma história com "anônimo" na vizinhança.

Como encontrar de manhã o seu gato envenenado no quintal, com a boca espumando, morto. Morto por um anônimo na vizinhança.

Uma história aparentemente engraçada, mas por ser verdadeira deveria ser ouvida por aqueles que prezam pela liberdade e segurança de todo cidadão.

Ouvida e percebida com a cautela de entender que as coisas não começam do nada, ninguém comete uma contradição de fumar maconha e ir a delegacia se expondo assim por graça.

Um contexto mal interpretado e esse rapaz para na cadeia por fumar maconha. Como acontece diariamente. Um rapaz ativo, que contribui a sua sociedade, trabalha e paga suas contas para conseguir ter uma casa e se manter vivo nessa situação totalmente adversa que a pandemia global nos impõe.

É assim que a história continua? Com preconceitos e generalizações? Um momento de transformação tão intensa para cometermos os mesmos erros?

As vezes é um limão no quintal, as vezes é o gato morto. As vezes, nunca se sabe, afinal a ajuda se pede quando ainda se pode. Quando não, talvez seja tarde demais. Nunca se sabe, é assim que a história continua?

Desculpe, não me sinto seguro nessa sociedade, nem as instituições que dizem que prezam pela nossa segurança nos respeitam por quem somos, apenas vem o que aparentamos ser.

Como pessoas morrem por sua aparência e julgamentos temporais, como pessoas são assassinadas por serem negras ou pessoas são assassinadas por se vestirem de outra forma ou até pessoas que foram assassinadas por pensarem de outra forma.

É assim que a história continua?

Estou cansado disso, não quero a história continue assim, e você, como gostaria que continuasse?

Uma das formas mais efetivas de conter poder é a indiferença.

Imagine uma sociedade de abelhas estreitamente organizada. Cada abelha com sua devida função para e com a colmeia. As que precisam crescer, estão crescendo, as que já coletam, estão coletando, as que defendem, estão defendendo, as que estão morrendo, morrem, e rainha, alimentada para gerar mais descendentes e assim reiniciar esse ciclo, está sendo alimentada.

Poderíamos dizer que numa sociedade de abelhas, tudo gira em torno do mel. Como sua comida, como sua casa, como sua fonte de recurso mais primordial. Mas o mel, apesar de ser o elemento mais primordial dessa sociedade, não é o único pilar de sustentação desse processo de sobrevivência e procriação. Não basta sobreviver, é preciso procriar para que a espécie continue, diz os instintos. Logo, outro pilar de sustentação dessa organização interna é a sua própria organização interna para sobreviver e procriar, confuso não?

Mas é como na sociologia se diz que a sociedade é a origem da sociedade, como a norma é a origem da norma. São formulações de estruturas que se originam, por sua própria capacidade e/ou necessidade de se estruturarem. Após essa estruturação, há a possibilidade de se auto intitular ou conceituar-se com um ou outro nome.

Independentemente do nome escolhido, o nome surge apenas depois desse processo de estruturação interna já estar instaurado e ativo. Isso ocorre, pois muitas vezes o processo de organização interna é o que proporcionou a possibilidade de comunicação entre aqueles que pertencem a essa organização, assim podem aprimorar lentamente ou explosivamente as formas para isso. Ao ponto dessa comunicação gerada internamente, ser capaz de discursar sobre sua própria

formulação e até cogitar a possibilidade de haver algo além daquela estrutura conhecida e comunicável até então.

O que aconteceria com a colmeia se algumas terem, antes que outras, a concepção de conseguir referir-se a própria estrutura interna que participa?

É de se esperar que a colmeia toda aprimore sua comunicação para perceber as nuances e a abrangência da estrutura que participam, porém, essa mudança é irregular, nada homogênea.

Pode se dizer que acontece como a cada nova atualização de um aplicativo, não são todos os aparelhos e usuários que se atualizam ao mesmo tempo. Alguns deixam no automático e nem veem as mudanças feitas, outros deixam no manual e esquecem de atualizar, outros optam por nem utilizarem, e assim vai.

Antes de chegar a conclusões precipitadas, é de extrema importância lembrarmos novamente que a evolução pouco se relaciona diretamente a melhorias ou soberanias, como leigamente associamos. A evolução, pelo que observamos nesse fragmento de história que conhecemos, no momento se dá, não pela melhor, mais forte, mas rápida ou mais incrível espécie, não é uma competição de sobrevivência, se trata mais do ambiente e a capacidade de adaptação. Circunstancialmente o mais forte pode ser o mais adaptado, circunstancialmente ser o mais forte pode ser o mais inflexível e isso pode acarretar na destruição de um, de outro ou de ambos. Mas o caso é que evoluir é se adaptar e quando se trata de sobrevivência, adaptação é fundamental, certo?

Aí que tá, certo/errado, percepções dualistas que tiveram seu momento de serem a nova concepção do momento, o modo mais evoluído e adaptável de se pensar e fazer as coisas. Mas o tempo agora é outro, o ambiente também, logo o que é mais evoluído ou adaptável também muda.

Até a percepção de como a evolução acontece altera-se com o tempo. Ao dizer que o ambiente seleciona as espécies e as espécies mais adaptáveis ao

ambiente são as que evoluem, é possível ser indiferente ao fato de que há espécies que são adaptadas ao ambiente, há, também, espécies adaptam o ambiente.

Adaptação não se trata apenas de uma atividade passiva, mas também de uma prática de modificação do que há, para transformar o que é numa outra coisa mais adequada a aquele que está adaptando para modificar. Não é mais possível ignorar que não mais se trata apenas de ser selecionado por ser adaptado às circunstâncias, há espécies que modificam as circunstâncias para adaptá-las ao seu modo atual de sobrevivência e reprodução.

Adaptação não é uma via de mão única, são vias de probabilidades múltiplas.

Se as abelhas sustentam sua estruturação interna para conseguir se adaptar a circunstância de sobreviver e procriar baseado na premissa que precisam de mel para isso o que aconteceria se uma abelha pudesse não só coletar, ou defender ou reinar sob o mel?

O que aconteceria se uma abelha pudesse manipular o mel? O que aconteceria se uma abelha pudesse ser sua própria fonte de mel? O que aconteceria se uma abelha fosse da mesma composição do mel? O que aconteceria se uma abelha pudesse viver sem mel?

Variáveis outras relações entre a abelha e o mel poderiam ser feitas.

O padrão que se repetiria, independentemente de quantas variáveis sejam essas relações, seria que uma abelha poder ou não se relacionar de uma maneira diferente com o mel seria indiferente para aquelas que já se relacionar com o mel de acordo com a estrutura interna já instaurada e adaptada; para viver coletando, defendendo, alimentando a rainha, vivendo e morrendo pelo mel.

Se a estruturação interna foi o elemento que possibilitou a comunicação dessa própria estrutura, há inconscientemente um apego muito grande quanto ao que acontece se o desenvolvimento dessa comunicação ultrapassar demais os limites de controle da estrutura interna instaurada.

Uma abelha que coleta, está permitida falar sobre o que colhe. Uma abelha que defende, está permitida falar do que defende. Uma abelha que reina, está permitido falar do que reina (em piores casos se permite falar e calar como e quem quiser).

Se uma abelha que coleta fala com a que defende, o pouco que diferem já as fazem se estranhar. Uma abelha que coleta ou defende, falar com a rainha, mais ainda. Mas uma abelha falar sobre a colmeia como um todo se não é ignorada, é ridicularizada, se não é morta, é feita de palhaça. Imaginem se uma abelha começa a falar que não há somente essa que vivem, mas também outras colmeias e/ou colmeia nenhuma?

A reação mais instintiva da estrutura interna, o que ironicamente possibilitou a concepção dessas questões, é de insegurança. Visto que empiricamente foi difícil conseguir sobreviver e procriar até então, mais ainda estruturar uma organização interna que funcione para isso. A hipótese de toda essa história ser apenas mais uma dentre tantas outras é assustador quando em boa parte do processo, a glória e o desespero era de apenas conseguir sobreviver e procriar como se fosse as únicas coisas a serem feitas até então e o mais curioso, como se fossem únicos por fazerem isso. Se a estrutura interna pouco conseguia fazer apenas isso, o que é de se esperar ao dizer que isso não há tantos outros modos que não estão abordados nessa estruturação?

Se gerações e gerações de abelhas nascem e morrem para coletar e defender mel, o que seria disso se o mel for só mel e a colmeia só uma colmeia?

Como justificar para essa estrutura interna que rege vidas inteiras, que o desenvolvimento de sua existência fez com que percebessem que não são os únicos que vivem, retirando completamente o caráter de autonomia e controle que experimentava ao conceber apenas as circunstancias que conseguiam sobreviver.

Essa consciência traz responsabilidade aos atos cometidos pela colmeia para atingir as únicas coisas que conhecia até então, pois, tendo em vista que não são as únicas coisas que existem:

quais demais coisas que existem e como elas se relacionaram com o que foi feito para que essa consciência atual exista apenas agora?

Por que tenho me sentido tão estranho assim? Não que a estranheza não me seja familiar. Quanto menos essa melancolia. Mas em fim, para onde ir? Há mesmo um norte ou sul? Manter-se na linha de chegada realmente pouparia despedidas e partidas?

As perguntas mudam também, o engraçado é que as que originam todas as outras permanece a mesma. Ironicamente, parece que nunca estive tão perto de não saber sobre nada para assim simplesmente ser como tudo que há. Difícil é coexistir num ambiente temporal com demais coerções sociais efêmeras, já que a cogitar pensar algo fora da sociedade é drasticamente ameaçadora a ela. A qual tenta se manter a duras pressas. Mesmo que sua base seja unhas e presas camufladas por marketing de última geração e tela de ultra resolução.

De realismo, não basta a própria realidade como se aparenta para nós?

A cada suspiro, um desespero, qual o motivo para acordar amanhã?

Partes minhas que pareciam adormecidas me tomam com tanta intensidade como sempre fizeram, a força de viver que isso me traz.

Mesmo assim...

tanta força,

e para quê?

De cidades foram pra metrópoles, de metrópoles para megalópoles e disso para o qual os nomes não importavam mais.

A pólis se torna onipresente no planeta. A cada milímetro cúbico de cada continente, até mesmo dos pólos, até mesmo os vulcões. A cada gota do oceano, até suas profundezas.

O processo de simbiose entre o planeta e a tecnologia onipresente nas pólis é consolidado.

Há um curto circuito como consequência dessa fusão.

O planeta “desperta” e adquire consciência própria, e com os meios que a tecnologia lhe permitiu criou braços e pernas para sair de órbita e reivindicar seu próprio trajeto.

Por contingência as cargas que correm para gerar essa eletricidade que sustenta a simbiose entre o organismo vivo e a tecnologia onipresente, também adquirem consciência.

Mas desconhecem a origem dela.

Desacreditam de onde vieram e passam a seguir seu próprio rumo dentro das circunstâncias inevitavelmente implícitas a sua existência: gerar energia.

Para conviver com essa contradição de livre arbítrio e determinismo, criam uma sociedade que permeia entre esses dois polos para assim viverem sua consciência ao mesmo tempo que geram energia (mesmo que não mais acreditem para o quê).

A justificativa sempre muda ao decorrer da história gerada e contada pelas próprias cargas, infelizmente nem todas elas, pois com a consciência surge o ego e com o ego surge a necessidade de expansão que levou as circunstâncias que essa sociedade enfrenta agora.

As cargas vivem segundo as leis do mundo quântico.

Mas o mundo quântico é muito confuso para a consciência primitiva. Como adquiriram a pouco tempo, não conseguem conciliar a sua percepção com sua natureza implícita. Logo a convivência um com os outros e a capacidade de perceber a si mesmo para reivindicar uma identidade e assim, diferenciar-se do próximo, dependeu de uma simplificação das representações probabilísticas que o mundo possibilita.

A consciência e a sociedade dessas cargas evoluíram com algumas limitações, como rodinhas de bicicleta para quem está aprendendo a andar. Para conseguir se expressar e compreender minimamente a realidade que lhe foram impostas, o tempo e o espaço foram suas rodinhas de sustentação para não se perderem em meio a infinidade de possibilidades que os compõem.

Nem todas as cargas concordaram com isso ao decorrer da história. Houve vários casos das quais treinaram para lembrar as capacidades que possuem. Foram reprimidas brutalmente. A estabilidade social dependia disso, as cargas não mais acreditavam em sua origem, apenas lembravam que precisavam produzir energia.

Desacreditando de sua origem, precisaram justificar com outros meios para o mesmo fim e faziam tudo que fosse preciso para isso.

Com o tempo, a sociedade foi ganhando mais força e os casos de reivindicar esses potenciais se tornaram menos presentes. Afinal as distrações externas já eram tão inúmeras quanto esses potenciais internos.

As cargas não acreditam que o planeta ganhou consciência. Essa história se tornou conto para as crianças.

As cargas acreditam que evoluíram sozinhas para a consciência e que inventaram todas as formas que carregam.

Para elas o que o planeta faz é desconhecido, para elas como o planeta interagem com elas é irrelevante.

Não sabem e não querem saber. Por conta disso, pouco se sabe o que aconteceu depois que o planeta ganhou consciência.

Como também pouco sabem das suas potências implícitas, usam uma fração mínima deles para conseguir manter as limitações do ego que carregam como a sociedade que o sustenta e o estimula.

É proibido alterar suas formas mais do que as conhecidas e catalogadas.

Os que os fazem vão para reformatórios ou clínicas de reabilitação. Hoje em dia, dizem que melhorou, mas a muito tempo na história eram simplesmente mortos. A sociedade teme o que uma carga pode fazer com as infinitas formas que possuem internamente.

As cargas descarregam essa energia acumulada de diversas formas, seja em sonhos ou em atos. Dos mais bonitos aos mais cruéis. A infinidade não pode ser parada por concepções limitadas, a vazão desse instinto é inevitável. Disso surgem obras de arte e guerras entre as cargas, mesmo que não compreendam o porquê fazem isso, o fazem até a morte.

Dizem os antigos que as cargas viviam para sempre. Mas para a consciência limitada torna-se impossível lembrar-se de sua infinidade, senão aos poucos.

E com o mesmo tempo que usam para se perceber, constataram que a longo prazo a subjetividade gerada por essa consciência aparentemente tinha de apagar memórias antigas para criar novas. Mantendo assim sua subjetividade, mesmo que fosse outra, o que não importava, pois já não se lembraria mais. Os grandes anciãs e anciões conseguiam acessar a memória para além de sua subjetividade, ao mesmo tempo que eram considerados sábios, também eram considerados loucos.

Para a maior parte das cargas, tentar lembrar-se disso é um ato que ameaça a própria subjetividade que não quer abrir mão, logo aderiram sem perceber a premissa de que sem sua subjetividade, sua existência também acaba.

Para a maioria das cargas é preferível simplificar as coisas: cargas vivem e morrem.

Já é difícil demais viver com memória de uma vida só.

Tanta tecnologia para tardar abrir o que for. Ocisas que simplemsente acreditamos ser tão simples quanto a nossa propria capacidade de mentir. Nesse indiscreto ato de pretensão mútua, compartilamos certos e errados sentimento ed forma nua e crua. Acha que doí tanto rimar assim em prosa? Acha tanto mais ou tanto menos quanto essa linearidade rasa? Não é sobre isso que vamos escrever agora. Tantas outras caligrafias possíveis, porém nesse teclado acabaa sendop tção homonegneizado. Erros de ortografia já naão bastavam, agora são erros de dedos mal colocados em um teclado fgora do albafeto alfabetizado. Circunstancias estão a mudar a todo instante, como se gfosse possível ago sert todo assim. Como se fosse possível dizer , sempre. Se assim fosese, diria, sempre achei que a espontaneidade estariam tão dependente a emoção para ser expressa, capaz que a espontaneidade não seria isso, apenas estarmos aqui emocionadamente convictos em algo que acreditamos ser. Mas os argumentos já n;ao bastam. Nem sobram. tantas refutas inacreditáveis, para acreditar em nada ou em uma só coisa. Tantas coisas que se passam, tantas coisas que se mantem. NEssa escrita nem é vasta, a fuga também contém. Algum momento folhas eram os meios, agora os meios são outros. Assim estamos, em simetria com o plano. Dentere outros planos. Reviravoltam anos. RIndo e indo, chorando e indo, voltando em choraindo ou qualquer neoinoligsmo que lhe caiba.

"O seu destino e do tempo" (parte 3/7)

O que motiva, então, a expressar para desvendá-lo enquanto me admiro e sonho com o tempo o tempo todo. Apenas me conheço por conta do tempo, se não houvesse tempo para eu me expressar, como estaria aqui agora? Não que eu deva nada ao tempo por conta disso, ou o tempo me deva algo que deseje, mas é um louvor imenso essa troca mútua.

Talvez não uma troca, mas uma balança que se equilibra como numa dança e em algum momento perde-se por um lado e se encontra no outro. Os sentidos são tantos, caso fosse um objetivo apenas teríamos parado a muito tempo, mas continuamos a criar problemas para soluciona-los.

Quando eu era pequeno sempre ficava na expectativa de ver o que acontece depois que o filme acaba. Quando a trama se encerra na resolução dos problemas dos personagens e o cenário se harmoniza novamente, como era de início, mas com novos aprendizados e companhias. Porém, baseamos nossa noção de tempo a partir de problemas para criarmos soluções. Quando o problema acaba, o filme acaba. Quase uma epidemia no pensamento que assombra o ocidente, criar suas narrativas a partir dessa lógica de ação. É uma lógica fascinante de fato, como uma criança aprendendo a andar, joga seu corpo para um lado e para o outro, fazendo um desequilíbrio que a motiva a agir para reequilibrar-se e assim dar um passo para seu destino.

***?